

## A ODISSEIA DA TRANSITORIEDADE

Anne Lise Di Moisé Sandoval Silveira Scappaticci<sup>1</sup>  
annelisescappaticci@yahoo.it



*Oh, Deus!*

*Possa eu estar vivo  
quando morrer.*

(Winnicott, 1989)

Caros amigos,  
escrevo meus editoriais de maneira pouco ortodoxa, embora tenha arriscado, a princípio, que algum dos autores possa ter se sentido não contemplado. Mesmo assim, valeu a pena. Procuro iniciar a experiência da leitura dando o “mote”, *Zeitgeist*, o espírito que guiou a ideia lançada a cada número da revista e alcançada em parte por cada autor em seu vértice pessoal, e assim o possível leitor-autor: a *message in a bottle*, um *antipasto*.

Na “Carta ao leitor”, fiz referência ao valor da transitoriedade ao ressaltar a beleza da vida salientada por Freud no artigo sobre a transitoriedade e em sua última entrevista, e finalizei com a reflexão:

Somos passageiros, a vida é uma passagem. O tema proposto nos remete à questão da transitoriedade, não apenas no sentido da passagem da vida, mas de se dar conta de que a vida mental é fluida, efêmera, transitória. Reconhecer a fragilidade é uma grande força, e a psicanálise nos ajuda muito nesse sentido.

Nossa condição humana de fragilidade é a graça do viver, é delicadeza, é assumir que somos perecíveis como potencial, força, coragem, um ato de fé. Portanto, à medida que envelhecemos é possível abrir espaço para sentir gratidão e notar a beleza das coisas ao nosso redor, a beleza de uma árvore, de uma rosa, de uma criança, a beleza da vida mental. E a beleza da psicanálise?

Muitos psicanalistas encontraram sua fase mais produtiva após os 50 anos, com a maturidade. Pablo Picasso e Miró trabalharam após os 80 anos, até o final de suas vidas, com extraordinária vitalidade, levando o diálogo

<sup>1</sup> Analista didata e professora da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Doutora em saúde mental pelo Departamento de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo (EPM-Unifesp). Doutora em psicologia clínica pela Universidade de Roma La Sapienza. Pós-doutora pelo programa de psicologia clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP).

entre a matéria e a força do gesto pictórico do mais íntimo ao universal: a odisseia humana rumo à origem de si mesmo e da humanidade. Na finitude de sua trajetória humana seus traços alcançaram a eternidade.

A psicanálise proporciona encontrar espaço para o psíquico, para o processo catastrófico, para o traumático, em vez de negá-lo. Viver a vida mental é na tensão de vida e morte, *being with*, de amor e ódio, como bem sinalizou Freud. Para viver a morte, é preciso estar psiquicamente vivo. Alguns morrem sem saber que viveram também do ponto de vista psíquico. Tolstói aos 82 anos escapou de sua família e sentiu-se vivo no exato momento que estava morrendo, como numa redenção, ou ainda Steve Jobs ao sussurrar *Wow, wow, wow*, suas últimas palavras, segundo o tributo escrito por sua irmã. Viver a morte é renascimento. Cada vez que os cientistas ou as crianças gritam seu *Eureka* e se encantam com uma nova descoberta, descobrem uma mente própria. Várias mortes fazem parte da vida, e vivê-las é necessário. Tenho a impressão de que o ser humano, por não poder viver o luto e a finitude, a sombra interior que cai sobre o Eu, se refugia na onipotência, na violência, no tudo ou nada. É em parte o que vemos no mundo e em nós mesmos, nossas guerras, divisões, grupo A contra B, não aceitação das diferenças. O psiquismo não é binário, é multidimensional.

Afinal, a diferença maior me habita, está dentro de mim, não posso colocá-la sempre fora. De um lado, espero e chego a idealizar a vida, e, de outro, a vida pode ser bem diferente – a hipérbole entre o Eu ideal e aquilo que é possível. Surpreendo-me com as ideias equivocadas que faço de mim. Posso ter espaço para isso? Posso manter a fé em meus referenciais que mal conheço?

Há vários anos entrei num anfiteatro lotado de pessoas num congresso de psicanálise. Nele, havia um homem que se apresentava sem responder às perguntas que lhe eram feitas e sem falar muito. No entanto, suas pontuações eram extremamente inesperadas e interessantes. O grupo continuou interessado por aquilo que acontecia ali por um bom tempo, e eu também aguardei. A inquietação me agradou, o paradoxo de alguém que vem dar uma palestra e se apresenta sem saber o que vai acontecer. Era o grupo sem líder?

Nossa capa é uma homenagem a ele, Antonio Carlos Eva: a tela *Eternidade*, de seu artista preferido, Ismael Neri.